

Entrevistando o texto “Reconsiderando a Sociologia da Infância”

Reconsiderando a Nova Sociologia da Infância – Alan Prout¹

Indagações colocadas pelas editoras assistentes da ZERO_A_SEIS, as professoras Roseli Nazário e Elaine de Paula, ao texto de Alan Prout, e as “respostas” dali extraídas. Colaboração do editor gerente da revista, o prof. João Josué da Silva Filho.

Alan Prout é diretor do Instituto de Educação da Universidade de Warwick, onde ingressou como professor de Sociologia e Estudos da Infância em 2005. Ele pesquisou e lecionou em várias universidades do Reino Unido, incluindo Cambridge, Keele e Stirling. Ele também foi professor visitante na Dinamarca, atuando na Roskilde University.

Como Diretor de Pesquisa Econômica e Social do Programa do Conselho de Pesquisa "Crianças de 5 a 16 anos", ele liderou a iniciativa de uma pesquisa de largas proporções, voltada para a infância contemporânea na Grã-Bretanha. Foi editor da série de livros intitulada "O Futuro da Infância", publicada pela editora FalmerRoutledge, bem como foi autor de um livro (2005) com o mesmo título da coleção. Outras publicações do autor incluem "Construindo e Reconstruindo a Infância" (1990), " Teorização da Infância " (1998) e "Ouvindo as vozes das crianças" (2003). **Contato: A.Prout@warwick.ac.uk**

Uma maior compreensão sobre o cerne das idéias deste autor pode ser capturada a partir da excelente resenha do livro “O futuro da Infância” produzida pela profa. Maria Luiza Belloni e disponível no endereço: http://www.comunic.ufsc.br/resenhas/resenha_alanprout.pdf

Acompanhe o resultado desta “entrevista” :

Zer0a6.1. Em nosso entender, a crise de representação da infância se revelou em meados dos anos 1970, em especial, a partir de alguns textos acadêmicos que anunciavam o “desaparecimento da infância”, entre estes podendo ser citada a obra de Neil Postman. Embora esta tese do “desaparecimento a

¹ . A.Prout@warwick.ac.uk

infância” já tenha sido amplamente questionada e refutada, não podemos negar que tais idéias nos ajudaram a perceber uma modificação no caráter da infância e mudanças das suas condições, evidenciando o enfraquecimento das fronteiras entre infância e idade adulta. Poderíamos dizer, então, que a partir deste período emergiu a preocupação por construir um lugar para a infância na Sociologia, ou seja, se assentou neste período as condições/discussões para o surgimento de uma Sociologia da Infância?

Resposta: Em sua forma contemporânea, a Sociologia da Infância surgiu nos anos 1980-1990 e três principais recursos teóricos foram empregados em sua construção. Primeiro, apoiou-se na Sociologia interacionista desenvolvida principalmente nos Estados Unidos nos anos 1960. Esta problematizou o conceito de socialização, que torna as crianças muito passivas. Segundo, nos anos 1990, sobretudo na Europa, houve um ressurgimento (um tanto quanto surpreendente) da sociologia estrutural, que vê a infância como um dado permanente da estrutura social. Finalmente, nos anos 1980, na Europa e nos Estados Unidos, o construtivismo social problematizou e desestabilizou todo e qualquer conceito consagrado sobre a infância, lançando-lhe um olhar relativista. Este enfatizou a especificidade histórica e temporal da infância e dirigiu o foco à sua construção através do discurso.

Zer0a6.2.Quais as características principais do cenário que permitiu a eclosão de tal movimento ?

Resposta: O cenário era de grandes mudanças sociais e a infância estava profundamente envolvida neste contexto complexo de fenômenos que a teoria sociológica designa hoje por termos como pós-fordismo, modernidade tardia, sociedade em rede da pós-modernidade e sociedade de risco. Não obstante as suas diferenças, esses termos referem-se a fenômenos como flexibilização da produção, deslocalização e "esvaziamento" das instituições, fragmentação das fontes de identidade, enfraquecimento do Estado-Nação e de sua ação reguladora, desilusão com o conhecimento racional e a especialização, um sentimento generalizado de incerteza, risco e insegurança, novas práticas de monitoração e reflexividade, a distribuição de normas de democracia, prestação de contas e participação, expansão das redes de conhecimento pondo em circulação ideias novas e mais diversas em um ritmo cada vez mais acelerado, formas plurais de vida familiar, padrões de consumo diversificados e mudanças na participação no mercado de trabalho, no emprego e na economia global.

Zer0a6.3. Mas como isso contribuiu para a emersão das idéias sobre uma Sociologia da Infância contemporânea?

Os sinais de uma crise cultural (ou representacional) da infância, desde meados dos anos 1970, ajudaram a ver que as velhas ideias sobre a infância já

não eram adequadas, que estava ocorrendo então, como ocorre ainda hoje, uma modificação no caráter da infância, evidenciando que a experiência da infância estava se fragmentando. A proporção de crianças vivendo em situações familiares "não padrão" já era tão elevada que estas não podiam mais ser vistas como desvios da norma. As novas formas de família se diversificaram bastante, e ficou difícil categorizá-las em um esquema rígido com apenas duas ou três variantes. Foi essa complexa e caótica desorganização da vida social refletida na infância contemporânea, mas não confinada a ela, que corroe a Sociologia Moderna e a tornou inadequada para a modernidade tardia. E foi, então, em meio a essa mudança no caráter da vida social e em meio a essa crise da teoria social que teve início a Sociologia da Infância contemporânea.

Zer0a6.4. Ao tratar da necessidade contemporânea de “reconsiderar a Nova Sociologia da Infância”, entendemos que o professor Prout sugere que para liberá-la do controle do pensamento moderno - fortemente marcado pelas oposições dicotomizadas - há que se desenvolver uma estratégia para “incluir o terceiro excluído”. O que seria isso ?

Resposta: Apesar do forte desenvolvimento e da alta produtividade nos últimos anos, a Sociologia da Infância parece estar sem rumo atualmente. Isso se revela pela reprodução, na Sociologia da infância, das oposições dicotomizadas que caracterizaram a sociologia moderna - destacando-se três dessas oposições: ação e estrutura; natureza e cultura; ser e devir. Contudo, não se está negando que o trabalho baseado nessas oposições produza novos conhecimentos, mas sim de considerar que, como categorias teóricas, elas se tornaram mutuamente exclusivas. É difícil encontrar algum ponto de comunicação entre elas, visto que cada uma se define fora do domínio das outras, seja suprimindo tudo o que lhes sirva de mediação, seja distribuindo-o entre si para que se torne propriedade de uma ou de outra. Desviam a atenção das mediações e conexões entre as oposições que erigem. Assim, *excluem* tudo o que se situe abaixo delas e entre elas, suprimindo sua dependência mútua e ocultando aspectos importantes sobre o modo como se constroem as infâncias contemporâneas.

Zer0a6.5. Neste sentido, então, colocar-se-ia a defesa de que existe mais coisa entre “o ser e o não ser”, discordando-se do princípio da lógica clássica

de que “nada existe entre ser e não ser”? Ou seja, buscando um espaço entre dois opostos, tal como a tese do “terceiro incluído” de Bobbio?

Resposta: Sim. Embora a estrutura cognitiva do nosso pensamento, acostumada com a linearidade, tenha imensa dificuldade de conceber o “terceiro excluído”, a idéia defendida se afirma no pressuposto de que não se deve, de antemão, inscrever um conjunto de dicotomias no campo, mas sim observar a infância como um fenômeno complexo, não imediatamente redutível a um extremo ou outro de uma separação polarizada. Contudo, não se está advogando aqui um obsoleto “caminho do meio”. A abordagem proposta é, realmente, similar à do autor italiano Norberto Bobbio, quando este se refere ao “terceiro incluído”. A tentativa recai em procurar encontrar o espaço próprio entre dois opostos, um espaço que, embora se insira entre eles, não os elimina e nem os faz deixarem de ser duas totalidades mutuamente exclusivas, como as duas faces da mesma moeda, que não podem ser vistas ao mesmo tempo. Neste caso, a atenção se direciona aos materiais e práticas a partir dos quais é gerada e daí emerge uma infinidade de novos fenômenos, incluindo distinções e dicotomias. Esse é o “terceiro excluído” que constrói a infância e para o qual se sugere dirigir nosso olhar.

Zer0a6.6. Parece-nos que o texto busca demonstrar que a infância é heterogênea e complexa e que o estudo da mesma requer uma abordagem interdisciplinar. Ao levantar tais considerações entendemos que o texto chama a atenção sobre a necessidade de se reconsiderar algumas das afirmações e conceitos naquilo que se convencionou chamar de ‘novos estudos sociais da infância’, ou de maneira mais específica, da Nova Sociologia da Infância, analisando tais estudos de forma crítica. Por que esse alerta?

Resposta: É necessário compreender qual o lugar da infância e das crianças na sociedade atual, em especial, o lugar que as crianças ocupam dentro do discurso sociológico; e essa é uma das tarefas da Sociologia da Infância. No entanto, a criação desse espaço não pode estar fundamentada tão somente nos termos da Sociologia moderna, haja vista que esse discurso é cada vez mais incapaz de lidar de modo adequado com o instável mundo da modernidade tardia. Um aspecto relevante deste problema está evidente na reprodução, no âmbito da Sociologia da Infância, das dicotomias que caracterizam a Sociologia moderna, tais como: agência e estrutura; natureza e cultura; ser e devir em formação. A sugestão é, portanto, procurar libertar a Sociologia da Infância destas amarras e buscar construir uma estratégia baseada na inclusão do “terceiro excluído”.

Zer0a6.7. Em nosso entender, a Sociologia da Infância assenta-se sobre uma dupla afirmação: a criança como ator social de seus próprios direitos e a

infância como uma construção social. Essas afirmações se opõem às idéias antigas sobre a infância centrada em categorias biológicas. Entretanto, no presente texto parece haver a proposição de uma 'volta' a abordagens antigas ao considerar que a infância não é um fenômeno apenas social. Como se explica isto? Não corremos o risco de retroceder em nossos estudos sobre a infância?

Resposta: Nos anos 80, os cientistas sociais demonstram insatisfação sobre como se tem estudado a infância. No âmbito da psicologia, por exemplo, a crítica centra-se no conceito de desenvolvimento ao tratar a criança como um fenômeno universal e biológico, excluindo-se as dimensões sociais e históricas que auxiliam na constituição da infância. Também na sociologia havia uma insatisfação com a noção de socialização, concebida como um caminho de mão única, ou seja, dos adultos sobre as crianças, ignorando-se as crianças como seres sociais e participantes na vida social e coletiva. Essas críticas contribuíram para o surgimento da Nova Sociologia da Infância. O mote desta era se opor à idéia da infância como algo natural, herança de estudos desenvolvidos em épocas atrás. Portanto, se hoje nos é evidente que a infância é um construção social, não precisamos mais enfatizar esse aspecto, é preciso avançar nas discussões e, ao contrário de excluir, é necessário olhar de forma crítica as abordagens antigas. É preciso lembrar também que a infância não é **apenas** um fenômeno social, mas um fenômeno heterogêneo e complexo, portanto, não se pode prescindir de uma maior atenção à interdisciplinaridade, ao hibridismo da realidade social, suas redes e mediações, mobilidades e relações intergeracionais; o que significa incluir aspectos e abordagens que pareciam ser descartáveis. O ser humano, e as crianças aqui se incluem, são seres biológicos e socialmente inacabados.

Zerona6.8. A Sociologia da infância, como um campo em construção, não é homogêneo, tampouco uma teoria, sofre, portanto, algumas ambigüidades. De que maneira, então, poderá esse campo ser um contributo para a compreensão das infâncias?

Resposta: A Sociologia da Infância não deveria inscrever em seu campo as dicotomias clássicas, acima já referidas, mas antes ver a infância como um fenômeno complexo ainda não preparado para se reduzir a um dos pólos de separação. Conforme já referido, não se está propondo um 'caminho intermédio' mas algo semelhante ao que o autor italiano Bobbio, propõe quando fala do "meio incluído", ou seja, *encontrar um espaço entre dois opostos, e, que muito embora se inclua entre eles, não os elimina*. No entanto, Bobbio refere-se a uma síntese superior criada a partir das dicotomias. O presente texto se propõe ir um pouco além. Propõe-se buscar encontrar as bases a partir das quais as dicotomias se elevam ou se desmoronam. Isto

aproxima-se mais da teoria de ator em rede de Latour ou da noção de rizoma que pode ser encontrado em Deleuze e Guattari. Em ambos os casos, chama-se a atenção para os materiais e práticas a partir dos quais são gerados e emergem uma infinidade de novos fenômenos, incluindo-se aí as distinções e as dicotomias. É por aí que se sugere voltar a nossa atenção com vistas a um possível contributo para a compreensão das infâncias.